

27(2):131-142
jul./dez. 2002

NOOLOGIA DO CURRÍCULO: *Vagamundo, o problemático, e Assentado, o resolvido*

Sandra Mara Corazza

RESUMO – *Noologia do currículo: Vagamundo, o problemático, e Assentado, o resolvido.* E se, pensando, no meio Deleuze, nos dedicássemos a uma noologia do currículo? Não nos voltariamos, então, aos conteúdos ou à ideologia do pensamento curricular, mas, do ponto de vista de uma teoria geral do pensamento, à forma e à função desse pensamento segundo o espaço mental que ele traça. Alguém diria que esse estudo noológico não tem qualquer importância. No entanto, atenção, pode acontecer que quanto menos levarmos a sério uma teoria do pensamento do currículo, mais pensaremos de acordo com o que quer o dogmatismo de um currículo-Assentado e menos com o que deseja um currículo-Vagamundo. De modo que isso tudo tem efeitos em nossas vidas...

Palavras-chaves: *noologia, currículo, Deleuze.*

ABSTRACT – *Noology of curriculum: the Wanderer: the “problem-maker”, and the Settled One: the one who already has his/her mind set.* What about if we, thinking in the *milieu* Deleuze, applied ourselves to a noology of curriculum? We would not turn ourselves, then, to the contents and to an ideology of the curriculum thinking, but, from the point of view of a general theory of thought, to the form and to the function of this thought according to the mental space that it draws. It is possible for someone to say that this noological study it is of no importance. Beware, though, because it could be the case that the less seriously we take a theory of curriculum thinking, the more we will think according to what a Settled-Curriculum wants and less will we think according to what a Wanderer-Curriculum desires. We can not but conclude that all this has effects in our lives...

Keywords: *noology, curriculum, Deleuze.*

E se, pensando, no meio Deleuze, nos dedicássemos a uma noologia do currículo? Não nos voltariamos, então, aos conteúdos ou à ideologia do pensamento curricular, mas, do ponto de vista de uma teoria geral do pensamento, à forma e à função desse pensamento, segundo o espaço mental que ele traça. Alguém diria que esse estudo noológico não tem qualquer importância, que o que valem mesmo são as políticas curriculares, ou os currículos desenvolvidos no cotidiano escolar e nos aparatos culturais, já que esses excedem, em muito, as imagens iniciais que pudéssemos traçar. No entanto, atenção, pode acontecer que quanto menos levarmos a sério uma teoria do pensamento do currículo, mais pensaremos de acordo com o que quer o dogmatismo de um currículo-Assentado e menos com o que deseja um currículo-Vagamundo. De modo que isso tudo tem efeitos em nossas vidas...

Sendo assim, cabe indagar se há uma imagem-Assentada desenvolvida no pensamento curricular, que parece dilatar-se e deste pensamento receber a sanção de uma forma universal. Uma imagem que remete ao par matéria-forma, compõe um modelo legal ou legalista, opera individualizações por sujeitos e objetos, forma bons cidadãos, bons saberes, bons valores, fazendo com que tudo, no campo do currículo, fique firme, sólido, estável, a partir do momento em que ela adquire exclusividade, e se torna *A Imagem*, com força gravitacional, atuando em espaços fechados, codificando e descodificando o pensamento do currículo, estriando-o com cintas, muros, aramados, tapumes, de modo que até pode ser compreendida e praticada como sendo *de resistência* contra a exploração de classe, o monoculturalismo, o fracasso escolar, a exclusão, as dominações de gênero e de raça, embora se trate apenas de uma resistência institucionalizada e regrada, já que suas operações são hierarquizadas e métricas, monopolizam um poder ou uma função, repartem os seus representantes entre os do ministério, das secretarias, das escolas, das comunidades, os quais são dotados de uma natureza interior ou de propriedades intrínsecas qualificadas, de maneira que cada ministro é sempre um ministro, uma diretora é sempre uma diretora, uma professora sempre uma professora, uma aluna uma aluna, e uma mãe uma mãe.

Tal imagem-forma capturaria os fluxos de todos os currículos do mundo em duas vertentes: uma, que funda e embasa o pensamento curricular em um pensar-verdadeiro, como o Todo do logos ou da política, e faz do currículo assim representado algo seguro e fixo; e a outra, que remete esse pensamento a um pacto ou contrato, expresso numa organização legislativa, e faz do currículo uma criação do Sujeito soberano ou de uma República dos Espíritos Livres; as quais concedem ao currículo, seja do Estado ou do Sindicato, da Direita ou da Esquerda, Oficial ou Alternativo, um caráter ajuizado, calmante, conformista, confortante, pasmacento.

Embora essas duas vertentes, do Pensamento-Essência e do Pensamento-Sujeito, sejam mutuamente necessárias para cercar a forma interior da imagem-Assentada, há, no entanto, muitas outras imagens intermediárias e transições

entre elas, porque uma prepara a outra, de modo que, para passar de uma a outra e entre as duas, vai ser inevitável um pensamento de natureza diferente, que se oculte dessa imagem e ocorra fora dela: um pensamento-acontecimento, um pensamento-problema, ou uma outra espécie de imagem do pensamento, mas que não chega a sê-lo, porque é uma imagem vagamunda, uma ausência de imagem, pode-se dizer, que encaminha uma noologia do pensamento curricular movimentada por uma diversidade tipológica de currículos que dizem, da mesma maneira e de um só sopro, toda a sua vagamundagem.

Currículo-louco

Vagamundagem de um currículo-louco, que só pode ser pensado a partir de um desmoronamento central da interioridade do pensamento curricular e de suas operações insensatas, que o incapacitam para criar formas e formar alguma imagem de pensamento. Dotado da potência extrínseca de surgir em qualquer ponto e de traçar qualquer linha, ele está sempre às voltas com forças exteriores de experimentações e intensidades, velocidades e lentidões do pensamento do Fora, não de um fora refletido ou representado no pensamento, mas dum outro do pensamento, como uma violência que se abate destrutiva sobre os saberes já sabidos ou já consolidados, como um estranhamento recíproco entre o pensamento racional e a realidade do objeto expresso, e que irrompe nas águas mansas da sabedoria adquirida, de modo involuntário, imprevisto, incompreensível e inassimilável.

Sem história nem ambição, sem sujeito nem objeto, disforme e pecador, alienado e fora de si, um currículo-louco é ilegítimo e usurpador, odeia planos homogêneos e unidades metodológicas, objetivos e projetos, formas didáticas e medidas avaliativas, e não interpreta, não reconhece, nada entende do que é trazido pelo bom senso e pelo senso comum, pela boa vontade do pensador ou pela ciência legitimada, nem mesmo os pareceres descritivos, os temas transversais, o substantivo próprio e comum, a multiplicação, as quatro estações do ano, o corpo humano dividido em cabeça-tronco-e-membros.

Movimentando-se em outro espaço-tempo e realizando uma outra distribuição curricular, que se opõe às leis e medidas do Assentado, esse currículo-demente é errante, inconstante, versátil, vagante, anda de terra em terra, corre mundo, vai de um ponto a outro, de modo que seus pontos se alternam, subordinados aos trajetos que eles mesmos vão traçando, enquanto estes traços vão-se apagando na medida em que os trajetos se vão fazendo, como trajetos vagos de um currículo-ambulante, o qual distribui as suas coisas-fluxos, sem partilha, em um “espaço aberto, indefinido, não comunicante”, “vetorial, projetivo ou topológico”, antes do que em um espaço “laminar” e “centrado” (Deleuze e Guattari, 1997b, p. 51, p. 25, p. 37).

Currículo-turbilhão, de movimento perpétuo, sem alvo nem destino, sem ponto de partida ou de chegada, que cresce no meio como grama, é um currículo-fluido, que desterritorializa e reterritorializa o plano curricular, faz ruptura interna de seu território, faz do fora-de-si um território no espaço, consolida-o mediante a construção de outros territórios adjacentes, aprende a desfazer e a desfazer-se, renuncia a si próprio, indo embora para outra parte. Currículo-liso, contrário às leis de assentamento curricular, indiferente à necessidade de ser reconhecido nos limites de seus pólos, que, por suas correntes, linhas e superfícies, não se deixa aprisionar, correndo solto numa atmosfera de errâncias.

Currículo-estrategista, polimorfo e difuso, bifurcado e fibrilado, luta contra todos os currículos-aparelhos, assentes e firmados sobre uma base, de modo que não excedam os limites da moderação, do comedimento, da circunspeção, da moral dos pensadores curriculares. Astucioso, espião, traidor, realiza emboscadas ou serve-se de diplomacia para ofender o pensamento da representação curricular, baseado na oposição, no negativo, no contraditório do não-ser, esse currículo combate não para destruir a si e aos outros, mas contra todas os amores e crenças dos Assentados, é cruel com tudo o que já foi pensado, dito, escrito, sentido, embora amoroso com tudo que inventa, traça planos de consistência e estica linhas de fuga, dá provas de outras interações com as crianças e as professoras, e vive cada instante em relações de devir-imoderado ao invés de estados curriculares.

Currículo-dançarino

E não é que um currículo assim, louco, deixe de importar para as funções públicas, as grandes editoras, os grandes intelectuais e funcionários da Educação, as grandes forças econômicas e políticas, os grandes centros de poder, é que essas formas e essências, assim *grandes*, são por ele conjuradas de antemão ou demolidas. Por isso, ele é condenado, banido, apropriado, ultrapassado, porém não importa, com sua potência de afectar e de ser afectado, ele continua desenrolando os seus segmentos móveis e figuras moventes numa exterioridade pura e dispersando-os, mesmo que seus fluxos sejam canalizados para condutos e diques, ele se precipita, volta a jorrar, transborda, vaza, flexibiliza as distinções binárias, ternárias e sintéticas, toma o espaço livremente em um campo heterogêneo e afecta os seus pontos, todos eles se revezando e ramificando, encadeando-se extrinsecamente, para se tornarem vetores de transformação.

Currículo-bandido, currículo-monstro, currículo-maldito, profundamente indisciplinado, questiona as hierarquias e assentimentos, regimes de propriedade e legitimidade, qualquer direção constante e delimitação fincada sobre a Geografia, a Filosofia, a Matemática, não releva sentimentos ternos dos bons sentidos interiores a nenhum sujeito, embora seja pleno de afectos variáveis,

que atravessam os corpos de alunos e professores como verdadeiras flechas, numa velocidade infinita de desterritorialização do Português, da História, da Biologia, que se reterritorializam em sua própria desterritorialização andeja.

Currículo-deformante, móvel e ubíquo, agencia criança-drogas-índios, hienas-jovens-capricho, demônios-ogiva-luz, água-sexo-seiva porque opera com multiplicidades acentradas e conecta-se com outras máquinas de pensar, de amar, de jogar, de cantar, de morrer, com todas as que têm forças vivas para colocar em questão o Assentado, já que atua contra este tipo de currículo e conjura o peso e a gravidade de sua formação por meio da própria rapidez e leveza.

Currículo-balístico

Dançarino como é esse currículo, nunca alimentou qualquer ambição de ter um desenvolvimento autônomo ou de tomar algum poder, sendo assim, espanta-se, a cada dia e noite, que a nossa servidão ao Assentado seja tão desejada, triunfe e se perpetue há tanto tempo. Torpor, adaptação e consciência de um lado, enquanto, do outro, tensão, abalos, inconsciência? Acontece que um Assentado só pode reinar sobre aquilo do qual se apropria localmente, sobre o que pode situar para interiorizar; no entanto, para seu azar, ele está desde sempre em relação com um currículo-dançarino, pois haverá sempre margens e conceitos, piruetas e idéias, deambulações e personagens misteriosos, que afirmam os seus direitos e que são irredutíveis a todas as estacarias fundacionais. É por isso que um currículo-bailarino é também balístico, define-se por sua ação livre, concerne ao exercício ou à manifestação de sua força no espaço e no tempo, “usa de revides a inventar” (Deleuze e Guattari, 1997b, p. 73), é projetivo e é projétil, projeta armas para rasgar o equilíbrio e ferir a conservação dos Assentados.

Currículo-eros

Um currículo balístico-dançarino-e-louco tem uma ciência menor, reportada a um agenciamento maquínico que ele próprio supõe, e que se define pelo conjunto de singularidades e de traços extraídos de seus fluxos curriculares, que são selecionados e convergem num processo de consistência, formado artificial ou naturalmente e os dois ao mesmo tempo, de modo a constituírem “uma verdadeira invenção” (Deleuze e Guattari, 1997b, p. 88).

Seus agenciamentos inventivos podem até agrupar-se em conjuntos vastos que constituem *culturas* ou *temas* e até mesmo *disciplinas*, mas, nem por isso, deixam de diferenciar os seus fluxos, ao mesmo tempo, atravessando tais con-

juntos, abandonando um para continuar num outro, ou levando-os a coexistirem. Sua máquina-vagamunda é social ou coletiva e o seu agenciamento é que determina o que é elemento de racionalidade curricular num determinado momento, quais os seus usos, extensão, compreensão, quais as paixões que coloca em jogo, os desejos que a constituem, tanto quanto ela os constitui.

Um Eros curricular-vagamundo promove a sua ciência como descarga rápida da emoção, múltipla e heterogênea, oposta às bagagens culturais, aos conhecimentos estáveis, aos valores eternos, aos sujeitos idênticos, às essências constantes dos Assentados. Trata-se de um modelo científico afectivo, inseparável das gerações e criações, inimigo da ordem das razões, tanto que suas figuras (palavras, lápis, classes, merenda, sineta, recreio, quadro-verde, pátio, livro de ocorrências), que designam acontecimentos, são consideradas em função das afecções que lhes acontecem e não de quaisquer essências: aquele corpo humano, dividido em cabeça, tronco e membros, não existe independentemente de uma *corporatura*, aquela doença sexualmente transmissível não existe sem uma *aidestizatura*, enquanto a preservação de um ecossistema não prescinde de uma *preservatura*.

Um currículo-itinerante desses pode ser dito também como um currículo-mar, vago e fluente, que não representa nada, nem forma boas formas, nem fixa lugares, nem tem disciplinada a sua construção, mas engendra-se e percorre-se, fazendo fugir os sujeitos e os objetos dos Assentados que, esses sim, implicam um ponto de vista fixo e exterior, e procedem cientificamente por iteração, reconhecendo e reproduzindo formas reiteradas, seus fenômenos se produzindo apenas se as mesmas condições forem dadas, ou se existir a mesma relação constante entre as suas condições e os fenômenos variáveis, enquanto a ciência de Eros capta ou determina simplesmente as singularidades da matéria e a variação contínua das variáveis para constituir e estender a sua própria territorialidade móbil.

Currículo-intuitivo

Remetido ao par matéria-forças, subordinando as suas operações às condições sensíveis da intuição e da construção, um currículo assim, erótico, é tanto uma arte quanto uma técnica, passa sempre ao limite, produz mudanças de estado, processos de deformação ou de transformação dos modelos, métodos e programas gradeados, opera individualizações por acontecimentos, nunca por objeto, e individualizações por hecidades, nunca por sujeito, constituindo-se como “anexato” (Deleuze e Guattari, 1997b, p. 33) e no entanto rigoroso, não sendo nem inexato como as coisas sensíveis, nem exato como as essências ideais, tendo lá suas essências vagas, que se distinguem tanto das coisas formadas como das essências formais, que desprendem uma materialidade que não se

confunde nem com a essencialidade inteligível, nem com a coisidade sensível, gerando uma vaga identidade entre os pensamentos e as coisas curriculares.

Materialidade erradia de um currículo-força, cuja matéria-movimento, matéria-energia, matéria-fluxo, matéria-em-variação só pode ser seguida numa intuição em ato, esse currículo-anexato não tem uma forma organizadora para a matéria nem uma matéria preparada para a forma, não pára de situar-se de um lado e de outro desses limiares, transbordando a matéria homogeneizada e toda forma que se ousou formar. Assim, as matérias de ética e cidadania, orientação sexual e multiculturalismo, ou as formas de direitos das crianças e adolescentes, distribuição de renda e empregabilidade adquirem variações contínuas: “vitalismo material” (Deleuze e Guattari, 1997b, p. 94) de um pensamento curricular, essencialmente intuitivo, geralmente escondido, recoberto ou tornado irreconhecível pelo Assentado, e que traz à luz uma vida própria, enquanto pensamento de produtividade pura, inventor, duplo, híbrido, misturado, rizomático, com seus saltos, desvios, passagens, desembocaduras, buracos, que vão sendo constantemente capturados pelo Assentado, o qual sitia os seus traços vagos num código para harmonizá-los, colmata as suas fugas, subordina as suas diferenças às identidades, impõe às suas inumeráveis conexões todo um regime de conjunções e conjugações convencionadas.

Currículo-problemático

Esse currículo-eros, louco, dançarino, balístico, intuitivo, como já se vê, não tem um pensamento jamais neutro ou passivo diante do mundo e da vida, mas, ao contrário, trata o seu pensamento como uma artistagem-vagamunda-desejante, vinculada à produção de diferenças, portanto, como intervenção no mundo, invenção de acontecimentos, criação de vida, que suscita mais problemas do que os que pode resolver, sendo “o problemático” (Deleuze e Guattari, 1997b, p. 42) seu único modo, ele, que, por excelência, adora ser chamado *O Problemático*.

Verdadeiro currículo-aprendizado, formula o problema do aprender e opera como uma experiência de problematização, que não fornece condições empíricas do saber, não faz uma transição ou prepara passagens do saber ao não-saber, nem é solução para uma falta de saber, nada tem a ver com a correta aplicação de um método, nem com perguntas sobre a verdade ou a essência das coisas, mas, que só aprende a partir de um encontro com os signos, os quais deve decifrar e interpretar, e que o forçam, constringem, obrigam a pensar e a inventar problemas, realizando, assim, uma aprendizagem de novidades sempre imprevisíveis, envolvendo a transposição de todos os limites, levando todos os seus viventes a não reconhecerem mais nada do que até então conheciam, impedindo-os de pensarem como antes e de prosseguirem sendo os mesmos.

Currículo-ignorante, contrário à razão e à mediação da representação, não sabe como alguém aprende, só sabe que não é pela assimilação de conteúdos objetivos, nem pelo inatismo do saber, elemento *a priori* ou Idéia reguladora, tampouco pelo saber absoluto conquistado pelo movimento transcendental da alma ou pela semelhança e identidade da imagem do saber que todo mundo sabe. Ele só sabe que importa perder tempo para aprender e amar, enamorar-se, tornar-se mesmo um amante dos signos, de sua necessidade e urgência, inevitabilidade e força, o que leva esse Ignorante a nunca dizer *Faça como eu faço*, a nunca propor gestos a serem reproduzidos ou conteúdos a serem reconhecidos, mas, a dizer sempre *Faça comigo*, e então emitir signos heterogêneos, que nos levam a compreender a diferença e formar a repetição, unir a dessemelhança à dessemelhança, e introduzir o tempo não cronológico no pensamento.

Currículo-aventureiro, encadeia sensibilidade, memória, pensamento para sacrificar a verdade, os imperativos dos objetos e a facilidade das recognições, e cantar o prazer e a alegria imediata de captar a fluidez da matéria, e dançar a beleza do acaso dos encontros e a potência interrogativa e problematizadora dos signos, que zela por constantemente emitir, sensível às qualidades, essências ou diferenças existentes em toda matéria, ele não relaciona um signo ao objeto que o emite, indo na direção natural da percepção, da representação ou da memória voluntária, nem compensa a decepção de o objeto não fornecer os sentidos esperados por uma compensação subjetiva, na direção de uma associação de idéias ou do estabelecimento de relações de contigüidade. Pois, currículo-atrator-caótico como é, ele contagia e propaga, como um sinal de alerta ou um ponto de interrogação, e atrai, puxa, arrasta consigo para o devir-vagamundo da matéria, agenciamentos, encontros, proliferação de possíveis inventados, multiplicação e ramificação de não-sensos. E é tão forte esse currículo, tão inimigo da contemplação, da reflexão, da comunicação, da opinião, das certezas fáceis e do pensamento único assentado, que sua máquina desejante só se preocupa em ser examinada pelo que produz e pelos efeitos que causa, se são importantes e interessantes, notáveis e potencializadores de mais vida.

Currículo-embaralhado

Um currículo problemático assim é difícil de pensar porque pode ser confundido com um Assentado, e tudo então se embaralha. Ora, um currículo-Assentado quer sempre desfazer ou resolver todos os problemas inventados pelo Problemático, subordiná-los a essências fixas, ideais, orgânicas, reter deles somente aquilo de que pode apropriar-se, fazer deles um conjunto de clichês, localizá-los e controlá-los, submetê-los a decalques, cópias ou regras, impor uma ordem de razões a suas ablações, julgar as suas variações, enfim, acabar com a vagamundagem.

Contudo, por sua própria natureza, um currículo-embaralhado existe e opera, mesmo que imperceptivelmente, mesmo que nos falte sensibilidade para percebê-lo, tocá-lo, cheirá-lo, senti-lo, intui-lo, ideá-lo e, quando a sua irrupção toma a forma positivo-negativa de *criatividade-em-excesso* ou de *deficiência-cognitiva-por-problemas-estruturais*, não nos enganemos, ele está sendo enquadrado, interiorizado, instalado. E não é que deixe de ser um Embaralhado para se assentar, pois, logo, começa a criar outros problemas, é restituído a seu meio de exterioridade e tem confirmada a sua irredutibilidade, já que possui outra natureza e é de outra espécie.

Por isso, os Assentados sempre, mas sempre mesmo, desconfiam que um ou outro Vagamundo se movimentam em todos os seus cercados, o que os faz estarem permanentemente em estado de alerta, sôfregos para estriar os espaços curriculares que se alisam e para represar os seus fluxos que teimam em escorrer. Só que, no mesmo átimo de instante em que os Assentados direcionam a sua atenção, já os Vagamundos estão voando, galopando, varrendo, mesmo que rapidamente, tudo aquilo que é da ordem dos conteúdos, séries, ciclos, bimestres, idades, seqüências do tipo família-escola-bairro-município-Estado-país, pois, ficam trocando-as- pernas das leis coletivas que os ponderaram.

Currículo-gangue

A vida dos viventes de um currículo-difícil é vivida num *intermezzo*, enquanto eles são pré-individuais e suas funções são anônimas, impessoais, coletivas, sempre de 3ª ou 4ª pessoas. Quando acontece de ser dito *Ele aprende...*, pode ser uma faxineira, uma vizinha ou o cachorro da escola. Quando acontece de ser dito *Aprende-se...*, significa apenas que alguém aprende, já que os viventes-vadios são aprendentes *tantum*, porque não passam de singularidades não subjetivadas, que ultrapassam as dualidades e as correspondências aluno-professor, pois, mantêm relações extrínsecas com aroeiras, pedreiras, bicheiras, poeiras, poedeiras, assobiadeiras, que bordejam, arrebentam, explodem, aniquilam todo um cosmos curricular que se formatou, e são sempre minorias excêntricas, bandos, maltas, massas, que procedem não por referência a centros de poder, mas por difusão móvel de prestígio.

Viventes-vadios de uma gangue-curricular, anti-identitários, em metamorfose perpétua, eles têm velocidade extensiva e movimento intensivo, às vezes, de movimento rápido, sem que seja velocidade, às vezes, de velocidade lenta, ou mesmo imóvel, sem que deixem de ser velozes, que podem surgir num ponto qualquer do campo curricular, e que até entretêm relações biunívocas entre si e com os adversários (Estado, donos de escola, empresários, terceirizados), suas funções podendo até ser estruturais, embora, todos oponham-se aos Assentados, com outros dinamismos, solidariedades e movências, que reconstituem

currículos errantes sob formas inesperadas, em agenciamentos muitas vezes não assinalados, de maneira que, quando os funcionários dos Assentados fazem do currículo-gangue uma instância pré-científica, pára-científica, sub-científica, irracional, perigosa, demoníaca, eles gostam de exclamar: – *Isso não é algo a ser ensinado nem a ser aprendido, é ilegal, inconveniente, inadequado, besteira, baixaria... baixa cultura, prática apenas, manual, popular, coisa de gentinha...* Mal sabem eles que essa *gentinha* do currículo-gangue não pensa do mesmo modo, nem se deixa recrutar como mão-de-obra forçada, porque ela viaja, nem que seja no mesmo lugar, enxameia, róí, gafanhoteia, quer que o trabalho curricular que costuma fazer seja desqualificado, mal-afamado, para então poder traçar, inventar e criar novos pensamentos curriculares que não mais reproduzam nem executem o normatizado, masousem impulsos inovadores e vivam instantes revolucionários.

Como criar um currículo-Vagamundo?

Como manter viva a vagamundagem, como desenvolver um novo espaço de pensar e um enorme poder de luta curricular? Como vislumbrar sempre um Vagamundo vagamundeando no horizonte Assentado? Entre um pensamento do currículo e o outro há tantos intermediários e combinações, que é difícil, nessas franjas, distinguir o que corresponde a um e a outro, o que eles recebem de um com o qual se comunicam, o que eles conquistam, o que de cada qual é apropriado. Além disso, como há sempre um profundo desprezo pelos Vagamundos, clandestinos intelectuais e sociais, tudo fica ainda mais complicado. Só que, através da história do currículo, há praticantes e testemunhas de sua existência móvel, aparições descontínuas, difusões e atos violentos, que fazem parte das linhas de inovação, marcam as viradas e os contra-pensamentos que movimentam o campo curricular.

Para criar para si um currículo-Vagamundo, é preciso analisar as suas multiplicidades não métricas, seus pontos em posição de singularidade, ver o que ele pode fazer, sentir, dizer, desejar, quais as suas vagas, as velocidades que percorre, descrever o seu andamento curvilíneo, o turbilhonar de seus fluxos, as suas linhas diferenciais e fios subterrâneos que passam de um agenciamento Assentado ao Vagamundo, ou saem de um Vagamundo, arrastam o Assentado, e o abrem ou explodem.

Para criar para nós um currículo-Vagamundo é preciso perguntar como se pode pensar o intratável, o impensável, o não-pensado do pensamento curricular, a exterioridade, o diferente de si, o seu outro? É necessário ter presente que esse pensamento nada é sem as forças efetivas que agem sobre ele e as indeterminações afetivas que o forçam a pensar de outro modo, pela criação de novos conceitos requeridos pela experiência real, e não apenas possível, dando lugar a novas

experimentações de vida. A força de seu pensamento-outro, como a de uma filosofia, será medida pelos conceitos que cria, ou cujo sentido renova, e que impõem um novo recorte às coisas e às ações assentadas, embaralhando sua sintaxe, organizando o seu pensamento numa lógica às avessas, alheio às suas estruturas vingativas, injusto para com a sua má-consciência, arrependimento, ressentimento, o valor das suas opiniões e verdades, acoplado aos processos, à experimentação, aos refluxos e à vontade de potência vagamunda.

Nesse campo de batalha desordenado, vapor incorporal de pura intensidade, cena funerária do sujeito, espelho cego dos objetos, superfície dos sentidos, película de experimentação rebelde, tabuleiro de um jogo ideal, casa vazia do problema, dobradiça do aprender, reservatório do pensar, devir de orgasmos multiplicados misturando-se ao corpo da Terra numa ejaculação com o Universo, vizinhando com os Assentados, sendo desde sempre os Primeiros, em seu tempo fora dos gonzos e agenciamentos intempestivamente criadores, renascendo e recriando-se, altiva, ativa e revolucionariamente, vivem os Vagamundos, como grandes fetos se mexendo, boiando, mergulhando, circulando e crescendo na barriga do pensamento curricular. Engendrá-los, encontrá-los e segui-los é uma questão de juventude ou de velhice, de tristeza ou de alegria, de vida ou de morte. É aí que tudo se decide.

Nota bibliográfica

As idéias-força para este texto me chegaram de vários livros de Gilles Deleuze, e também dele no encontro com Félix Guattari, cujas referências dispensei porque cansariam demasiadamente os leitores, além de prejudicarem, considereí, os ritmos de suas leituras. Entretanto, por uma questão de rigor, informo: 1) a idéia de “noologia” veio de Deleuze, 1992, p. 37-48; Deleuze e Guattari, 1997b, p. 11-110; Deleuze e Guattari, 1997a, p. 179-214. 2) a seção “Currículo-problemático”, como se viu, é fortemente inspirada por Deleuze e Guattari, 1988; Deleuze, 1998a; 1998b.

Referências Bibliográficas

- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. Entrevista sobre *Mille Plateaux*. In: *Conversações, 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 37-48.
- _____. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998a.
- _____. *Proust et les signes*. Paris: Quadrige/PUF, 1998b.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. O liso e o estriado. In: _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997a, p. 179-214.
- _____. Tratado de nomadologia: a máquina de guerra. In: _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997b, p. 11-110.

Sandra Mara Corazza é professora do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Endereço para correspondência:

Rua João Berutti, 185
91330-370 – Porto Alegre – RS
E-mail: sandracorazza@uol.com.br